

## MATRIARCAS DA BAIXA DA XANDA: Preservando a Cultura Boi-Bumbá em Parintins<sup>1</sup>

Suzan Monteverde Martins <sup>2</sup>  
Andréa Ferraz Fernandez <sup>3</sup>

### RESUMO

O artigo propõe examinar o papel das mulheres na preservação e transmissão das tradições do Boi Garantido, manifestação cultural de Parintins, Amazonas. O foco é a comunidade de Baixa da Xanda, onde o boi foi fundado por Lindolfo Monteverde. As mulheres, especialmente matriarcas afro-indígenas, são essenciais na transmissão dos saberes por meio da oralidade. Mantêm rituais como a Ladainha, o Reza e a simbólica matança do boi. Para tanto, este estudo adota abordagem metodológica qualitativa, de caráter autoetnográfico, que se beneficia a imersão da pesquisa, a pesquisadora como membro da família fundadora e da Comissão de Arte do Boi. Essa posição privilegiada permitiu o acesso a saberes transmitidos pela oralidade e a registros documentais informais, como anotações e manuscritos, essenciais para desvelar a trama feminina e os processos folkcomunicativos que desafiam invisibilidades.

### PALAVRAS-CHAVE

boi-bumbá; parintins; mulheres, transmissão não-formal de conhecimentos; ancestralidade.

### PARINTINS, A CIDADE DO BOI-BUMBÁ

Os bois-bumbás de Parintins, manifestações culturais da Amazônia (Nogueira, 2014, p.14), têm suas origens na brincadeira de boi, derivada da dança dramática nordestina do bumba meu boi, conforme descrito por Mário de Andrade em Danças Dramáticas do Brasil (1982). Sob uma perspectiva contemporânea, os bois-bumbás de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado para o GT Comunicação Popular e Ativismos Midiáticos, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

<sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea/UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea/UFMT . Contato: [suzan.martins@sou.ufmt.br](mailto:suzan.martins@sou.ufmt.br)

<sup>3</sup> Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea e Programa de Pós-Graduação em Comunicação/UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso. Pós-doutora em Comunicação Audiovisual pela UMA - Universidad de Málaga/España. Doutora em Ergonomia da Informação pela UPC - Universitat Politècnica de Catalunya/España. Contato: [andrea.fernandez@ufmt.br](mailto:andrea.fernandez@ufmt.br)

Parintins podem ser compreendidos como formas de performance dramática, como aponta Batalha (2020), ao analisar a perspectiva do Espetáculo dos Bois-bumbás no Festival de Parintins, um evento de grande relevância cultural, realizado anualmente na cidade de Parintins, no estado do Amazonas.

Essa manifestação cultural apresenta um caráter festivo, centrado no símbolo do boi, sendo marcada por brincadeiras de terreiro e de rua, que culminam no espetáculo grandioso do Festival Folclórico de Parintins. Esse festival configura-se como uma disputa cultural entre dois bois: o Boi Garantido, representado pelas cores vermelha e branca, com um coração na testa, e o Boi Caprichoso, representado pelas cores azul e branca, com uma estrela na testa. A competição ocorre entre as duas agremiações presentadas como: Associação Folclórica Boi-Bumbá Garantido e a Associação Cultural Boi-Bumbá Caprichoso, que se enfrentam durante três noites de apresentações na arena conhecida como Bumbódromo<sup>4</sup>. Cada espetáculo tem duração de duas horas e meia.

As apresentações consistem em performances literocênico-coreográfico-musicais, divididas em 21 itens avaliados por um corpo de 10 jurados, composto por um presidente e nove avaliadores distribuídos em três blocos: Bloco A (Musical), Bloco B (Cênico/Coreográfico) e Bloco C (Artístico). Os espetáculos incluem quadros que retratam rituais indígenas, povos originários, celebrações folclóricas como o auto do boi, lendas amazônicas, figuras típicas regionais e tuxauas. Cada noite segue um roteiro próprio, baseado em um tema anual, que é desdobrado em subtemas ao longo das três apresentações.

Nesse contexto, torna-se relevante analisar não apenas a dimensão estética e performática dessa tradição, mas também suas camadas simbólicas e sociais, especialmente no que se refere às brincadeiras e aos papéis assumidos por diferentes sujeitos dentro da festa. À medida que nos propomos a olhar para além dos compêndios

---

<sup>4</sup> É a arena onde ocorrem as apresentações dos Bois Garantido e Caprichoso foi inaugurada em 1988 e passou por uma reestruturação em 2013, transformando-se também em um Centro Cultural. Com capacidade total para 13.622 pessoas por noite, o Bumbódromo conta com quatro setores pagos, que somam 4.516 ingressos: arquibancada central (764 assentos), arquibancada especial (3.146 assentos), cadeira tipo 1 (212 assentos) e cadeira tipo 2 (294 assentos). A maior parte do público que prestigia o espetáculo acessa o evento de forma gratuita.

oficiais e expandimos nosso olhar para os sujeitos subalternizados, somos levados a deslizar como quem rema pelos rios do conhecimento. Como afirma poeticamente Loureiro (2001, p. 25), “é preciso errar pelos rios, tatear na escuridão das noites da floresta, buscar os rastros e sinais perdidos na várzea, vagar pelas ruas das cidades ribeirinhas”, para compreender os saberes que compõem nossas manifestações amazônicas.

É nesse ponto que se insere a perspectiva da mulher no boi-bumbá, elemento central da reflexão que se segue. Buscamos compreender como as presenças femininas que, no contexto da visibilidade, permanecem em segundo plano, vêm deixando rastros, articulando-se e expressando-se dentro dessa complexa manifestação cultural.

O presente relato parte de uma vivência pessoal e afetiva com o Boi Garantido. Uma das autoras é bisneta de Lindolfo Monteverde, criador do boi-bumbá Garantido, e cresceu na comunidade da Baixa da Xanda, local onde o boi foi fundado e que hoje possui a certidão de autodefinição como comunidade quilombo da Baixa da Xanda<sup>5</sup> pela Fundação Cultural Palmares. Além disso, integra a Comissão de Arte do Boi Garantido, coletivo responsável por todo o processo de concepção estética e narrativa do espetáculo apresentado no Festival. Essa imersão cotidiana e histórica na cultura do boi, especialmente por meio do olhar de quem participa ativamente da construção de suas imagens e sentidos, evidencia a urgência de investigar as presenças femininas dentro dessa manifestação, historicamente invisibilizadas nos registros oficiais e na memória institucionalizada.

Assim, a perspectiva da mulher no boi-bumbá deixa de ser apenas uma inquietação pessoal para se constituir como um viés legítimo e necessário de pesquisa. Neste texto, em especial ao Boi-Bumbá Garantido e ao caráter da brincadeira de boi-bumbá que é construído na brincadeira de terreiro e rua, para além do espetáculo realizado no último final de semana de junho.

## CULTURA DO BOI-BUMBÁ DE PARINTINS

<sup>5</sup> Em 2025, a comunidade da Baixa da Xanda foi certificada oficialmente como a primeira comunidade autodefinida como quilombo no município de Parintins. A certificação foi dada pela Fundação Cultural Palmares, vinculada ao Ministério da Cultura.

Parintins (AM), situada na fronteira entre os estados do Amazonas e Pará, é um dos maiores centros culturais da região, tendo o Festival do Boi-Bumbá como uma de suas principais expressões. Localizada à margem direita do rio Amazonas, a 325 quilômetros de Manaus (em linha reta), a cidade está assentada em um arquipélago fluvial, sendo fortemente influenciada pelo pulso sazonal dos rios, lagos e paranás circundantes (BARTOLI, 2000, p. 379). O Festival de Parintins, cujos principais protagonistas são os bois Garantido e Caprichoso, existe desde 1965, por iniciativa da Juventude Alegre Católica (JAC), grupo vinculado à Igreja Católica. Até 1987, o evento era realizado em quadras esportivas, estádio de futebol, arquibancadas e palcos de madeira, conhecidos como tabladões (NOGUEIRA, 2016). É importante destacar que o Festival Folclórico de Parintins atualmente também incorpora a apresentação e a competição das quadrilhas juninas, além dos Bois Mirins Estrelinha, Tupi e Mineirinho, que inauguram oficialmente o festival no início do mês de junho.

Antes do surgimento do festival competitivo como o que conhecemos atualmente, as manifestações dos bois eram expressões culturais realizadas por comunidades de negros, indígenas e caboclos. A figura simbólica do boi, presente em várias culturas, ressoa no folguedo brasileiro, revelando uma diversidade de significados. Gonzales (2024), ao discutir o bumba-meu-boi, faz referência ao trabalho de Arthur Ramos, especialmente sua obra *A sobrevivência totêmica: o ciclo do boi* (1954), que destaca o totemismo do boi entre os povos bantos africanos no Brasil.

Em Parintins, a prática do boi-bumbá foi acompanhada por toadas e danças realizadas nos terreiros e quintas durante os meses de maio e junho. Segundo Nogueira (2016), durante essas festividades, os participantes percorriam as ruas para homenagear santos populares, como Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal. Nas residências das famílias que os contratavam, os brincantes encenavam partes do auto do boi-bumbá, cuja narrativa se concentra na morte e ressurreição do boi, um animal da fazenda, com personagens principais como o casal de caboclos Pai Francisco e Catirina.

No enredo, o marido sacrifica o boi para satisfazer o desejo da esposa grávida, provocando a ira do patrão, que exige a devolução do seu boi estimado a qualquer custo. Com o tempo, e com a participação crescente de pessoas mais abastadas, os antigos

terreiros e quintais passaram a ser denominados currais, termo que passou a designar os locais de ensaio e apresentação dos bois-bumbás.

Nesse contexto, Costa (2012) estabelece conexões entre a figura do boi na Amazônia e as festas juninas, realizadas em devoção a Santos, como: Santo Antônio, São João e São Pedro, nos espaços públicos e religiosos das comunidades. A autora destaca que, no início do século XX, o boi era uma presença constante nesses folguedos, juntamente com danças de roda, cirandas, quadrilhas, adivinhações, cordões de bichos e encenações de pássaros, como japiim, tucano, bem-te-vi, gavião, corrupião e guará, compondo o vasto e dinâmico universo da cultura popular brasileira.

O festival dos Bois de Parintins rapidamente se consolidou como um marco cultural da Amazônia, envolvendo agremiações como o Boi Garantido e o Boi Caprichoso, que foram fundados por famílias afro-indígenas e nordestinas e têm suas origens nas brincadeiras de terreiro e rua. Nogueira (2016) relata que com o crescimento e a institucionalização do festival, o evento atrai milhares de turistas, contribuindo de forma significativa para a economia local.

O espetáculo dos bois-bumbás Caprichoso e Garantido conferiu visibilidade social, artística e política à cidade de Parintins, tornando-se um dos principais motores de sua transformação econômica. Atualmente, a economia local está ancorada no setor de serviços, com destaque para o turismo e para a educação básica e superior, segmentos responsáveis pela mudança no perfil econômico parintinense.

Parintins vive o boi-bumbá ao longo de todo o ano, mas é entre os meses de maio e junho, período de finalização dos ensaios, translado das alegorias até o Bumbódromo e realização das festas de rua, que essa atmosfera se intensifica. Nesse momento, os moradores se envolvem de forma ainda mais profunda com a festa, dividindo simbolicamente a cidade entre as cores azul e branco, do Boi Caprichoso, e vermelho e branco, do Boi Garantido.

As casas são pintadas com as cores dos bois, os triciclos<sup>6</sup> e as ruas são enfeitadas, e as toadas ecoam nas rádios e comércios locais. A referência simbólica da cidade

---

<sup>6</sup> O triciclo, originalmente uma bicicleta adaptada para o transporte de cargas, ao longo dos anos passou a ser utilizado também como meio de transporte de passageiros. Trata-se de um veículo movido por força humana, sem emissão de poluentes, o que o torna uma alternativa sustentável e silenciosa. Considerado

imaginária dividida em duas cores tem como eixo central a Catedral de Nossa Senhora do Carmo, de onde se estende a rivalidade lúdica entre as duas agremiações. Até mesmo grandes marcas e patrocinadores oficiais do festival, como Coca-Cola e Bradesco, adaptam suas cores em ações promocionais.

Fotografia 1 – Ação da Coca-Cola dentro do Bumbódromo no lado Caprichoso.



Fonte: Suzan Monteverde, arquivo pessoal (junho/2025).

O município amazonense com cerca de 96 mil habitantes (IBGE, 2022), consolida-se como a Capital Nacional do Boi-Bumbá ao transformar seu tradicional festival em um evento de projeção midiática. Em 2025, a cidade bateu recordes com mais de 120 mil turistas, mil operações aéreas e 691 embarcações, números que representam crescimentos significativos em relação aos anos anteriores (Amazonastur, 2025). A festa, com mais de 58 anos de história, transcende o espetáculo e expressa vínculos comunitários profundos, marcados pela rivalidade simbólica entre os bois Garantido e Caprichoso.

Nesse cenário de espetacularização e visibilidade midiática, contudo, permanecem à margem dos registros oficiais as vozes e os fazeres daqueles que, historicamente, tecem a trama cultural do boi-bumbá longe dos holofotes. É justamente

---

patrimônio cultural e imaterial do Amazonas, o triciclo é, além de um atrativo turístico, uma importante forma de trabalho para pessoas das camadas mais vulneráveis da população, garantindo renda e visibilidade a esses trabalhadores durante todo o ano, especialmente no período do festival folclórico.

nesse interstício entre a festa espetacular e a tradição comunitária que se inscreve a atuação fundamental das mulheres da Baixa da Xanda, guardiãs de saberes ancestrais e agentes centrais na preservação dos rituais que dão continuidade à brincadeira do Boi Garantido. Suas contribuições, transmitidas pela oralidade e gestualidade, desafiam as invisibilidades impostas pela narrativa hegemônica e convidam a um olhar mais atento sobre o feminino na folkcomunicação do boi.

## **TRAMA FEMININA DO BOI: ORIGEM E FORÇA NO GARANTIDO**

Ao longo da história, a trajetória das mulheres vem continuamente atravessada pelo viés de inferioridade. O fato de a construção social ser feita a partir do olhar masculino fez com que os sistemas culturais configurassem a figura masculina como elemento dominante. Este trabalho parte do relato de experiência que percorre pelas referências acerca das ancestralidades, da memória sobre a participação feminina nos Boi-Bumbá de Parintins, especialmente no Boi Garantido.

Observando essa comunicação das mulheres pelas mediações, (Barbero 1997, p 16), diz que as mediações são mais que meio, questão de cultura, portanto, não só de conhecimentos mais de re-conhecimento. A partir dessa trama de misturas, refletir sobre as práticas comunicacionais dessas mulheres, suas articulações e seus movimentos retomam essa ausência, que a autora se depara neste ambiente de Boi-Bumbá.

Em 2019, a Comissão de Arte do Boi Garantido era composta por 11 membros, cada um com funções bem definidas, e apenas uma mulher integrava esse grupo naquele ano: Suzan Monteverde. Na época com 28 anos, Suzan também presidia a Associação Regional Lindolfo Monteverde, organização comunitária da Baixa da Xanda formada por filhos, netos e bisnetos de Lindolfo Monteverde, criador do Boi Garantido. A associação tem como objetivo preservar as tradições da brincadeira do Boi-Bumbá Garantido.

Suzan é jornalista, professora, pesquisadora e bisneta de Lindolfo. É filha de Ilmar Martins e Antônia Monteverde, um casal formado na Baixa da Xanda, onde o filho de um comerciante casou-se com a filha de um pescador da comunidade. Ela foi a primeira mulher da família Monteverde a integrar a Comissão de Arte responsável pela produção do espetáculo do Boi. Nascida na comunidade e, à época, presidente da associação

familiar, Suzan assumiu a responsabilidade de continuar o levante das tradições. Visto que Associação parte da gestão democrática onde a cada 3 anos, muda-se a liderança a partir de eleição.

Ao longo dos anos, da infância e fase adulta, todo participação do autora em meio a brincadeira de Boi-Bumbá foi rodeada de mulheres, mas em meio ao discurso históricos e também oficiais dos Bois de Parintins, poucas mulheres são mencionadas, e muito menos mulheres afrodescendentes e indígenas que compunham a comunidade da Baixa da Xanda, logo pensar nessas mulheres que foram esquecidas do discurso hegemônico, silenciadas e invisibilizadas dos dados oficiais marcam essa reflexão que é de uma das autoras e com debates de processo de reparação que com o tempo proponho fazer de forma de projeto poético de tese.

Dessa feita, a metodologia empregada fundamenta-se, portanto, na observação participante, inerente à vivência da autora na Baixa da Xanda e em sua atuação na Comissão de Arte, e na pesquisa exploratória com base em fontes primárias orais e documentais informais. A coleta de dados privilegiou os relatos das matriarcas afro-indígenas da comunidade, com idades entre 70 e 92 anos, obtidos em conversas informais e narrativas compartilhadas ao longo dos três anos de sua presidência na Associação Regional Lindolfo Monteverde. Complementarmente, foram analisados antigos papéis rabiscados, folhas dactilografadas e manuscritas, preservados por essas mulheres, que servem como registros históricos e afetivos da comunidade. A pesquisa bibliográfica amparou a contextualização e a análise desses saberes.

É importante enfatizar que é na Baixa da Xanda, nome dado a essa comunidade por ser da mãe de Mestre Lindolfo Monteverde, Alexandrina da Silva – A dona Xanda, que se mantêm vivos os ritos tradicionais do Boi Garantido: Ladainha e saída nas ruas em 13 de junho, Dia de Santo Antônio; em 24 de junho, Reza e saída nas ruas Dia de São João; e em 17 de julho, data da tradicional Matança do Garantido, quando o Boi sai pelas ruas da comunidade e volta para terreiro de Dona Xanda, hoje curral tradicional da Baixa, para encenação do Auto do Boi e sua morte. Ao longo do tempo, esses ritos jamais deixaram de acontecer, graças à resistência da família de Lindolfo Monteverde e das mulheres dessa comunidade.

## DAS FESTAS E SÍMBOLOS TRADICIONAIS

A criação do Boi Garantido tem origem em uma promessa feita por Lindolfo Monteverde a São João Batista. Ele prometeu que, caso fosse curado da doença que o acometia, colocaria o boi para brincar todos os anos em forma de agradecimento (MONTEVERDE; MONTEVERDE, 2003). Com a promessa atendida, a família passou a preservar essa tradição, que cresceu com o tempo graças ao envolvimento da comunidade de brincantes, cada vez mais numerosa. O dia 24 de junho, Dia de São João, ficou conhecido como o Dia da Promessa por conta da promessa de seu criador, dia em que o Boi usa seu chique de papel vermelho e branco quando o Boi Garantido sai às ruas para cumprir o legado deixado por Lindolfo.

Mestre Lindolfo, poeta de origem afro-indígena, pescador, juticultor, confeccionava o boi com a carcaça da cabeça de um boi de verdade, na qual encaixava uma madeira de aproximadamente um metro e meio. O corpo era estruturado com cipó grosso, preenchido com folhas de samambaia e revestido com pano branco. Seu filho, Antônio, aprendeu a fazer o boi observando o pai. Na década de 1940, sua habilidade se tornou reconhecida, e ele passou a receber encomendas para confeccionar bois destinados a brincadeiras em diferentes localidades.

No entanto, todos os bois que Antônio fazia eram muito parecidos. Desejando marcar um deles com algo único, desenhou um coração na testa usando carvão. Ao retornar de uma pescaria, mestre Lindolfo foi ver o boi feito pelo filho. Ao se deparar com o coração, achou muito bonito e pediu a Antônio que não repetisse aquele símbolo em outros bois, pois o coração<sup>7</sup> passaria a ser exclusivo do seu Boi Garantido.

Durante muito tempo, o coração na testa do boi foi preto, embora já se soubesse que sua cor verdadeira era o vermelho. Por isso, os antigos usavam figurinos nessa cor, ainda que não dissessem vermelho, e sim encarnado. A juventude que levava o Garantido pelas fogueiras durante o mês de junho era conhecida como os camisas encarnadas. As toadas também não mencionavam a palavra vermelho, mas utilizavam o termo encarnado, mantendo o vocabulário tradicional da época.

---

<sup>7</sup> DASSUEM NOGUEIRA. Garantido, o boi do coração. BNC Amazonas, 19 jun. 2024. Disponível em: <https://bnccamzonas.com.br/garantido-o-boi-do-coracao/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

Na década de 1980, mestre Jair Mendes, pioneiro na arte das alegorias em Parintins, levou uma novidade para a Baixa: um motor de tinta em spray. Foi com ele que o coração do Boi finalmente ganhou a cor vermelha que o caracteriza até hoje. Assim nasceu o símbolo do Boi Garantido: o boi de coração na testa.

Essa é a versão da comunidade e da família Monteverde, versão registrada em cartório, com reconhecimento público e assinatura de Jair Mendes ainda em vida, quando jovem e atuante na cultura do Garantido. É preciso reconhecer que a história do Boi Garantido nasce no seio de uma comunidade marcada pela pobreza, pelo analfabetismo e pela exclusão dos meios oficiais de registro, como a escrita e a fotografia, historicamente acessíveis apenas às elites. A ausência desses instrumentos de legitimação institucional, no entanto, não invalida a força simbólica e a riqueza dos saberes transmitidos oralmente, que constituem um patrimônio ancestral forjado na experiência vivida e na coletividade.

Preservar essa memória é também preservar a ancestralidade desse conhecimento, cuja origem está enraizada nas práticas cotidianas e afetivas de famílias como a de Lindolfo Monteverde. Com o crescimento do festival e sua crescente visibilidade midiática, observa-se o surgimento de disputas narrativas em que sujeitos alheios à comunidade tentam reivindicar a autoria de símbolos e práticas que não lhes pertencem. Lutar contra esse processo de apagamento é um ato de justiça histórica, resistência à apropriação cultural e afirmação da legitimidade das vozes populares que fundaram o boi. Sem o reconhecimento dessas origens humildes e ancestrais, corre-se o risco de consolidar uma narrativa oficial dissociada da verdade que sustenta a tradição.

A partir dessa representatividade e ancestralidade, Suzan passou a perceber que as mulheres/matriarcas da comunidade começaram a lhe repassar, por meio da oralidade, em um processo contínuo de compartilhamento de saberes outros símbolos e informações sobre as festas e tradições do boi. Ela teve acesso a anotações, folhas dactilografadas e manuscritas por suas avós e outras mulheres da comunidade, que se configuraram como fontes primárias informais e complementares à pesquisa oral. Foi assim que aprendeu, por exemplo, sobre a importância do dia 12 de junho.

Fotografia 2 – Ladinha de Santo Antônio, 2019



Fonte: Paulo Sicsu/Facebook (2019)<sup>8</sup>.

Essa tradição começou com mestre Lindolfo Monteverde, em respeito à devoção de sua esposa, Antônia Colares Monteverde, a Santo Antônio. Com a permissão dela, Lindolfo passou a homenagear o santo como um dos padroeiros do Boi do Povão. A partir disso, o Boi Garantido passou a entregar rosas às mulheres da Baixa, em um gesto de amor e respeito às matriarcas, jovens e brincantes do território vermelho e branco. Muitos associam essa tradição ao Dia dos Namorados, também comemorado nessa data.

A atividade começa com a Ladinha de Santo Antônio, realizada no Curral Tradicional da Baixa, e segue pela noite com o boi brincando pelas ruas até a Catedral de Nossa Senhora do Carmo. Atualmente, as casas ao longo do percurso são enfeitadas para receber o boi. O boi e seus vaqueiros dançam, brincam ao redor das fogueiras, e a comunidade se reúne: famílias inteiras participam, crianças com seus boizinhos nos braços, meninas vestidas de sinhazinhas, cunhãs e catirinas.

A festa é, sobretudo, um gesto de pertencimento, memória e afeto que atravessa gerações. Segundo as matriarcas da comunidade, a reza de Santo Antônio era presidida por homens, mas com o passar do tempo passou para elas essa atividade, hoje liderada pela filha de Lindolfo, Maria do Carmo Monteverde, 87 anos.

---

<sup>8</sup> Disponível em:

[https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2508793192516603&set=pb.100001578394791.-2207520000&type=3&locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2508793192516603&set=pb.100001578394791.-2207520000&type=3&locale=pt_BR). Acesso em: 10 julho 2025.

A observação participante da pesquisadora nos rituais e os relatos das guardiãs da memória revelaram que a Matança do Boi, também conhecida como morte do boi, é um rito dramático que encerra as celebrações folclóricas do Boi-Bumbá Garantido, tradicionalmente realizadas na comunidade da Baixa da Xanda, em Parintins. Este evento é mantido pela família do fundador Lindolfo Monteverde e pela comunidade da Baixa da Xanda, como uma forma de manter viva a memória e o legado do criador do Garantido.

Inspirada nos antigos autos populares nordestinos, a encenação da morte do boi do Boi Garantido é carregada de simbolismos, emoção e teatralidade. Depois de percorrer as ruas da comunidade encenando sua fuga, tentando se desvencilhar dos vaqueiros e dando chifradas em todo mundo, o boi é finalmente laçado. Ao ser capturado, é conduzido ao Curral Tradicional da Baixa da Xanda, onde acontece a encenação do auto do boi.

Nesse momento, é entoado o verso que anuncia o desfecho da celebração: "Vem cá Santinha... vê cá vem ver boi Garantido que já vai morrer... Já vai morrer e o povo saber... O sino da igreja a tocar, a terra tremer, o chão poeirar... Vaqueiro, vaqueiro leva meu boi pro curral... Seu Lindolfo anunciou, vai morrer o campeão desse lugar...".

Esse ato representa o encerramento de um ciclo. A morte do boi não é vista como um fim definitivo, mas como um ritual de passagem. O boi morre para que possa renascer no ano seguinte, renovado com as esperanças, promessas e criatividade do povo. Através da escuta atenta aos saberes transmitidos e da análise dos registros informais, foi compreendido que um dos símbolos da matança do boi e sua dramatização do Boi-Bumbá é o chifre verde, confeccionado com piririma ou pirima, uma palmeira típica da região amazônica.

Esse elemento representa o boi escondido nas matas, protegido da morte iminente. Diferentemente de outras celebrações em que a morte do boi é definitiva, o chifre verde sinaliza que a floresta o resguarda, preservando sua força até o próximo ciclo festivo. Bruno de Menezes (1972), etnógrafo da Amazônia paraense, analisa o auto do boi e destaca a participação de negros, indígenas e brancos pobres na dinâmica dessa manifestação cultural na região. Para ele, a encenação possui um caráter burlesco e cômico, no qual se busca expor o amo ao ridículo ao mesmo tempo em que se afirma sua suposta linhagem nobre. Assim, as personagens incorporam traços do colonizador como

forma simbólica de resistência à opressão, revelando as camadas de tensão e subversão presentes na festa.

No caso do Boi Garantido, ele não teve vários donos, teve uma comunidade e Lindolfo como seu amo, versador e criador. O auto do boi ocorre todos os anos no dia 17 de junho, e a comunidade se reveza entre os personagens da dramatização do auto do boi. Outros estudiosos, como Câmara Cascudo, Nunes Pereira, Moacyr Paixão e Silva, também exploram essa brincadeira a partir do princípio da dramatização do auto do boi, a história engraçada do protagonista bovino e o casal de negros, cuja mulher deseja a língua do boi, e o pai da sinhazinha da fazenda, o fazendeiro, o amo.

A Matança do Boi é um momento de celebração, saudade e resistência. É quando se revive a memória ancestral e se reafirma a continuidade da cultura do povo vermelho da Baixa do Xanda. Ali, entre as toadas, os versos e os corpos brincantes, o Garantido morre apenas para, mais uma vez, voltar a viver.

No dia subsequente à matança do Boi, realiza-se um almoço comunitário, caracterizado pela preparação de churrasco e sopa de carne, os quais são distribuídos à comunidade. Esses alimentos são tradicionalmente preparados nos quintais das famílias Monteverde, que ainda residem na comunidade da Baixa.

Este conhecimento foi transmitido por mulheres da comunidade, com idades entre 70 e 92 anos, ao longo dos três anos em que Suzan esteve à frente da presidência da Associação Regional Lindolfo Monteverde. Foram elas que, por meio da oralidade, repassaram seus antigos papéis rabiscados e expressaram suas preocupações com cada símbolo presente nas festas tradicionais do Boi Garantido, para que tudo fosse feito da maneira como aprenderam e para que as futuras gerações também aprendessem.

Podemos compreender que, na comunicação por meio das manifestações folclóricas, o povo vocaliza seus anseios, comportamentos, necessidades, reivindicações e críticas. Como destaca Beltrão, o folclore torna-se a tribuna ou o comício da classe popular, funcionando como instrumento de aproximação e concordância coletiva, contribuindo para que os marginalizados imponham sua voz e sejam ouvidos pelas classes superiores (BELTRÃO, 2001, p. 125).

## CONCLUSÃO

Este relato de experiência apresenta reflexões sobre as mulheres do Boi Garantido, figuras centrais na preservação e transmissão do saber e do fazer do Boi Bumbá de terreiro e rua. Como herdeira de Lindolfo Monteverde e membro da comunidade da Baixa da Xanda, minha vivência direta permitiu compreender que a folkcomunicação se manifesta no cotidiano: nas rezas das avós, nos papéis amarelados guardados em baús, no ato de repassar símbolos como o coração vermelho. Essas mulheres, ao tecer fios entre passado e presente, demonstram que a comunicação popular é, antes de tudo, um ato de sobrevivência.

As matriarcas afro-indígenas da Baixa da Xanda, respeitadas como avós de todos, são guardiãs de saberes que ultrapassam a festa. Seu papel como griôs revela uma atuação ativa na preservação de memórias e símbolos da cultura popular, fortalecendo laços comunitários através de rituais como a Ladainha e a Matança do Boi. Este coletivo ancestral, enraizado na resistência e espiritualidade, afirma-se como força vital na identidade do boi.

A experiência aqui registrada reforça a urgência de valorizar essas mulheres como sujeitos de pesquisa. Seus conhecimentos, transmitidos pela oralidade e gestos, desafiam narrativas hegemônicas e inspiram investigações futuras sobre o protagonismo feminino no Boi-Bumbá de terreiro e rua.

## REFERÊNCIAS

AMAZONASTUR. Realizado pelo Governo do Amazonas, Festival de Parintins 2025 registra recorde de público, com mais de 120 mil visitantes. **Amazonastur**, Manaus, 2 jul. 2025. Disponível em: <https://www.amazonastur.am.gov.br/realizado-pelo-governo-do-amazonas-festival-de-parintins-2025-registra-recorde-de-publico-com-mais-de-120-mil-visitantes>. Acesso em: 10 jul. 2025.

BARTOLI, Estevan. A cidade arquipélago: expansão e morfologia urbana de Parintins (AM). **Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE**, Salvador, v. 2, n. 46, p. 347-397, ago. 2020. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/download/6874/4171>. Acesso em: 10 jul. 2025.

BATALHA, Socorro de Souza. **Parintinização: os fluxos culturais do Wãnkô Kaçaueré em festas populares da Amazônia**. 2020. 246 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

BATALHA, Socorro de Souza; SILVA, Alvatir Carolino. Boi-bumbá de Parintins (AM): performances dramáticas de uma brincadeira afro-indígena. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v. 30, n. 2, p. 11–30, 2024.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação, de fatos e expressões de ideias**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

BOI GARANTIDO. **Revista Garantido**, n. 19, junho 2019. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 2019. Edição especial do espetáculo “Nós, o povo”.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. **Dossiê final: processo de instrução técnica do inventário de reconhecimento do Complexo Cultural do Boi-Bumbá do Médio Amazonas e Parintins**. Brasília: IPHAN, 2018. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie\\\_do\\\_Complexo\\\_\\\_do\\\_\\\_Boi\\\_\\\_Bumba\\\_\\\_do\\\_\\\_Medio\\\_\\\_Amazonas\\\_\\\_e\\\_\\\_Parintins.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie\_do\_Complexo\_\_do\_\_Boi\_\_Bumba\_\_do\_\_Medio\_\_Amazonas\_\_e\_\_Parintins.pdf) Acesso em: 10 jul. 2025.

COSTA, S. V. da. Boi-bumbá, memória de antigamente. **Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos**, Manaus, v. 2, n. 2, p. 147–153, 2012. DOI: 10.29327/233099.2.1-12. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/268>). Acesso em: 11 jul. 2025.

GOES, B. S. Boi-Bumbá de Parintins, o espetáculo midiático na Amazônia. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 13, p. 169-174, 2015.

GONZALEZ, Lélia. **Festas Populares do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). População estimada de Parintins (AM) em 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/parintins.html> .Acesso em: 09 jul. 2025.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Obras reunidas: **poesia I Cultura Amazônica – Uma poética do imaginário**. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MENEZES, Bruno. **Boi Bumbá: auto popular**. 2. ed. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1972.

MONTEVERDE, João Batista; MONTEVERDE, Linaldo Batista. **O Boi Garantido de Lindolfo Monte Verde**. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 2003.

NOGUEIRA, Wilson. **Festas amazônicas: boi-bumbá, ciranda e sairé**. Manaus: Valer, 2008.  
\_\_\_\_\_. **Boi-bumbá – imaginário e espetáculo na Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2014. 287 p.

NOGUEIRA, Wilson de Souza. Uma abordagem ecossistêmica e midiática sobre o Boi-Bumbá de Parintins. **LÍBERO**, São Paulo, v. 19, n. 38, p. 111-120, jul./dez. 2016.

RAMOS, Arthur. **O folclore negro brasileiro**. São Paulo: Gráfica Carioca, 1945.